

O que as múmias e as cartolinas podem nos ensinar?

Lis Régia Pontedeiro Oliveira¹
Mara Lúcia Ribeiro Avanzi²

Resumo: Este artigo apresenta experiências em sala de aula de Ensino Fundamental (História), interação entre quarto e sexto anos (Ciclo Interdisciplinar) em escola da Prefeitura Municipal de São Paulo: EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

Palavras Chave: Interação. História. Egito. Ciclo Interdisciplinar.

Abstract: This article presents teaching experiences (Egypt, History) in public elementary school of the city of São Paulo.

Keywords: Interaction. History. Egypt. Elementary School.

“A arte é saber conciliar liberdade e restrição, continuidade e ruptura, diversidade e coerência. Em termos de organização do trabalho, significa que os professores libertem-se das coações internas, as que fazem com que se diga: ‘é impossível’. Significa que eles se concedem o direito de se organizarem de outro modo”
(THURLER, 2010, p.43).

A questão do espaço na escola em que lecionamos é equacionada através de combinados entre os períodos das aulas da manhã e da tarde. Assim, por exemplo, temos o 6º ano A tendo aulas de manhã com a Profa. Lis na sala 1 e à tarde a sala passa a ser o 4ºano A da Profa. Mara.

Os breves contatos entre essas duas profissionais se dão no período da tarde, em conversas informais nos corredores e na hora do intervalo. Não se dão reuniões de planejamento de aulas conjunto entre 4º. e 6º. nem outros espaços formais destinados a essas formações. Isso é bastante comum nas escolas, não apenas entre professores de ciclos diferentes, mas até mesmo entre aqueles que compartilham as mesmas turmas.

Essa escassez de tempos e espaços coletivos é tema recorrente de reclamações e reivindicações de grande parte dos profissionais da rede municipal de São Paulo por entenderem que o trabalho coletivo é fundamental para uma educação significativa e de qualidade. Contudo, isso não impediu que – mesmo de forma breve, improvisada e espontânea – o diálogo ocorresse e a cultura do isolamento fosse rompida entre essas duas professoras.

As culturas de cooperação eficientes não se distinguem por sua organização formal, nem pelas modalidades de funcionamento das reuniões nem pela qualidade, coerência ou continuidade das atitudes de uns para com os outros, mesmo quando esses traços são observáveis duradouramente e favorecem ajuda mútua, confiança e abertura. Elas estão arraigadas, antes de tudo, em valores compartilhados, por todos os atores envolvidos. (Thurler,2001,p78)

¹ Mestre em Educação pela PUC-SP e Professora de História da Prefeitura Municipal de SP Ensino Fundamental II e Médio

² Licenciada em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional. Professora de Ensino Fundamental I e da Educação Infantil da Prefeitura de São Paulo.

Esse encontro se deu a partir de um trabalho desenvolvido por Lis – com seus alunos dos 6^{os}. anos e do Ensino Médio – de apresentação de seminários e confecção de cartazes que eram posteriormente colados nas paredes da sala compartilhada com Mara.

Esses seminários, além da parte da pesquisa teórica e de apresentação para os colegas, incluíam a confecção de um cartaz sobre o tema e que os alunos sabiam que seriam expostos a alunos de idade entre 8 e 9 anos e que, por isso, deveriam ter cuidado com a linguagem utilizada, bem como a prevalência de desenhos em relação a textos. Além disso, partiu dos próprios alunos a iniciativa de transformar os cartazes em objetos artísticos cada vez mais atraentes para o público infantil que comentavam animados entre si sobre como “crianças gostam de cores fortes” e “brilhos, lantejoulas” e afins.



Os alunos do 4^o. ano da Profa. Mara passaram então a vê-los e a demonstrar muita curiosidade observando-os pela beleza dos desenhos e riqueza de cores. Passaram também a ler o que estava escrito e ficaram muito interessados no assunto, querendo conhecer mais sobre o tema - Egito Antigo - e começaram a fazer perguntas à professora, que foi respondendo diante das informações que os cartazes estavam fornecendo.

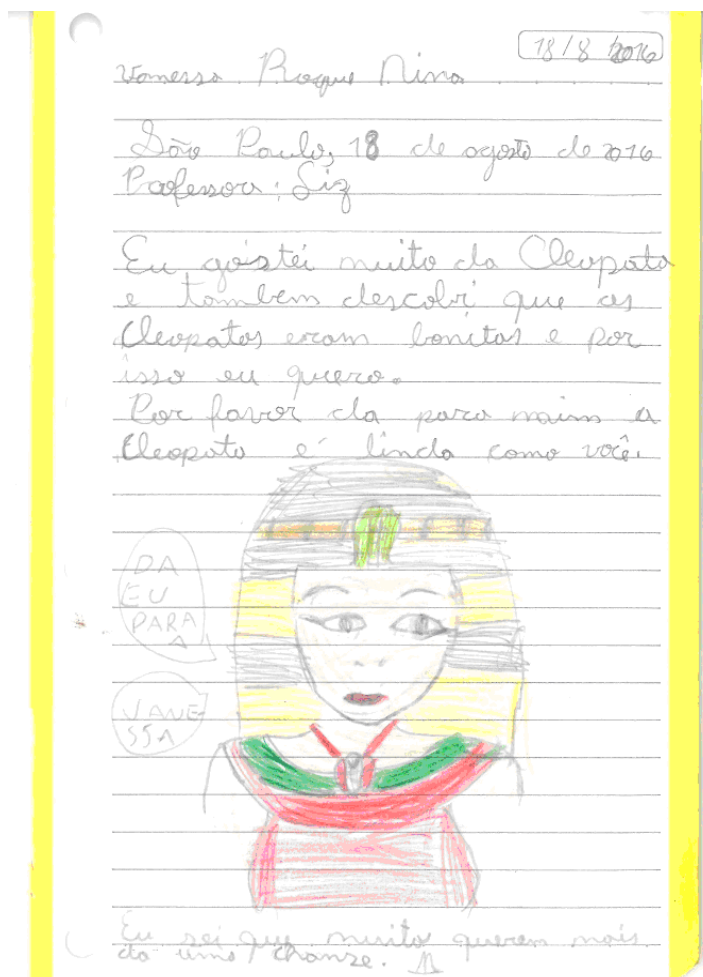
Com o passar dos dias, percebendo que os alunos continuavam muito interessados sobre os assuntos expostos, Mara passou a pesquisar textos apropriados sobre as pirâmides e levou um sobre o tema, que foi lido com muita atenção e curiosidade pelos alunos. O olhar atento do profissional estimula o interesse e a curiosidade dos alunos:

É necessário um sensível olhar pedagógico, crítico e cuidadoso com o ensino de história na infância, desenvolvendo práticas educativas e metodologias de ensino adequadas à esse público, o ato de ensinar História à criança deve ser uma aventura fascinante e instigadora, negando assim um modelo de ensino tradicional que preconizava as datas comemorativas com desenhos mimeografados. Quantos alunos durante sua trajetória escolar foram obrigados a pintar caravelas para comemorar o “Descobrimento do Brasil”, enfeitar-se com cocar e tinta no rosto para celebrar o “Dia do Índio” ou até mesmo confeccionar uma espada de jornal para festejar a “Independência do Brasil”. Quem em sua vida escolar, já não se deparou em situações como as descritas acima? (BARREIRO; DA SILVA, 2014, p.4)

Além disso, o tempo e espaço dedicado ao ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental é escasso, os profissionais de Educação Infantil e Educação Fundamental 1 são cobrados, essencialmente, para garantir o letramento dos alunos em matemática e português, disciplinas elencadas historicamente como as mais importantes do currículo:

Nas séries iniciais do ensino fundamental o ensino de história acaba ocupando um papel terciário em sala de aula, devido à pressão exercida pelos dispositivos institucionais, que acabam por priorizar um processo de alfabetização acrítico, disciplinador e paradigmático. Neste modelo a criança precisa primeiramente ser alfabetizada, e neste longo percurso alfabetizador ela vai incorporando componentes para futuramente desenvolver uma perspectiva crítica social. sujeito que está vivenciado o processo de alfabetização e letramento é silenciado pelos discursos adultocêntricos, que se encontram arraigados de um modelo filosófico organizador e estrutural. (BARREIRO; DA SILVA, 2014, p.2)

Quando os cartazes estavam para ser retirados das paredes Lis avisou a Mara para pensar numa solução para a distribuição dos cartazes entre os alunos. Ela sugeriu que eles fizessem um pequeno informe sobre o porquê queriam determinado cartaz. No texto que eles produziram, escreveram o que tinham aprendido, o que havia chamado a atenção deles e porque queriam ter o cartaz.



Cleópatra dizendo: “Dá eu para a Vanessa”

Amulye victorio

18/08/2016

São Paulo, 18 de agosto de 2016

PROFESSORA

LIZ

Eu gostei da mulher

egípcia Por que

ela foi a única que

me interessou e também

Por que tem muita

COB ela é bem
GOGO RÍDA

São Paulo, 18 agosto 2016

Professora Liz

obrigado pelo cartão
do Egito.

Obrigado por ontem
pela informações sobre
a maçã que se encontra
na pirâmide não apre-
dece.

E quase todos estão
na metologia egípcia
e na mulher eu
quero que todos queiram
o cartão que cada um
quero.

Eu quero a pirâmide
que está de baixo
da mulher.

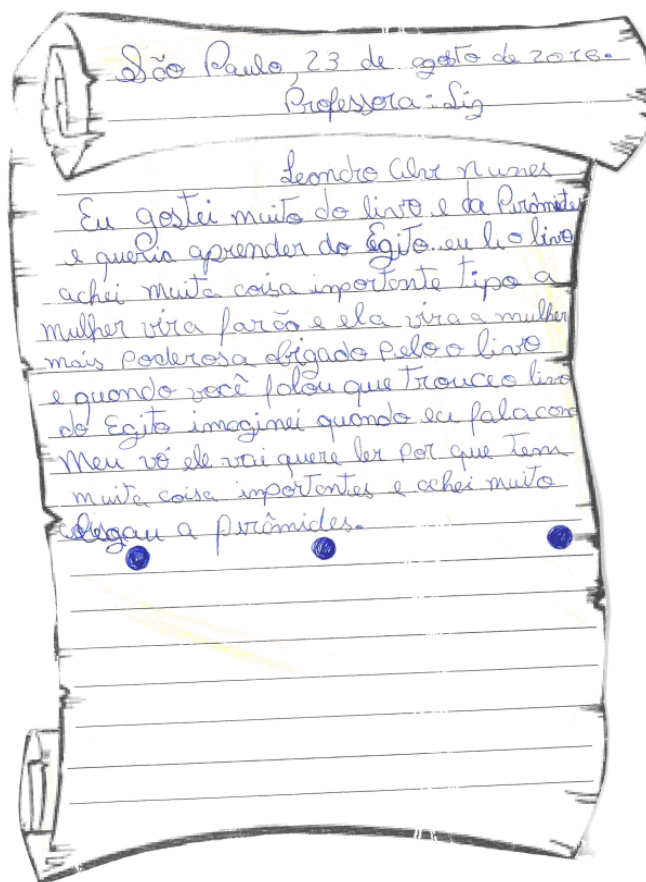
com abafa
Suces dos santos

Mas um impasse se colocou quando muitos alunos se interessaram pelo mesmo cartaz. A saída foi então comprar para cada aluno o livro *101 Coisas que você deveria saber sobre o Egito*, da editora Ciranda Cultural, e entregar um para cada aluno. Eles ficaram maravilhados com o livro e imediatamente começaram a ler e comentar sobre o que estavam aprendendo. Durante a tarde desse dia eles passaram todo o tempo lendo e falando sobre as descobertas que estava fazendo.

As primeiras experiências com o conhecimento histórico durante a infância têm duas possibilidades de terem sido abordadas: de forma prazerosa, lúdica e contextualizada ou de modo acrítico e sem nenhum significado. O ensino de história se alicerça sob essas duas perspectivas, no qual a criança estabelece uma relação de afeição ou aversão com o conhecimento histórico desde a mais tenra idade. Geralmente a educação histórica é iniciada nas primeiras séries do ensino fundamental, o que requer materiais didáticos, práticas pedagógicas, currículo e metodologias específicas para o público dessa modalidade escolar. (BARREIRO, DA SILVA, 2014, p.3)

Os livros foram levados para casa deles e no dia seguinte continuaram comentando sobre o que tinham lido e até os comentários que fizeram em casa com os familiares.

Para agradecer à Lis cada aluno da Mara produziu uma carta escrevendo sobre a alegria de ter recebido um livro que gostaram muito e aprenderam tantas coisas interessantes e diferentes. A seguir, algumas dessas cartas de agradecimentos:



22/08/2016

Nome: Camilly
 Ano: 2016
 Professor: Liz
 Local: Colégio Antonio Rampin
 Cidade: São Paulo

Professora Liz eu Camilly aprendi muitas coisas sobre o Egito. Também aprendi coisas sobre o Egito por que se tem uma prova sobre isso com essas lições que você deu na sala. É novo todo mundo e prestar atenção tira um 10.0 e você facilitou muito professora Liz muito obrigada a mais uma coisa eu acho que você não deu as cartões por que muitas pessoas queria o mesmo cartão e você não deu para ninguém ficar triste por que se você não dá pra um o outro iria ficar triste. A parte que eu gostei foi que os gatos eram sagrados se alguém matava um, era como denunciar a morte e se o animal falecia de morte natural, a família raspava a sombrancelha.

Ami 🍌 Top
Maei Top Liz
 Ano: Camilly

São Paulo, 27 de agosto de 2016.
 Professora Liz

Muito obrigado pelo livro.
 Eu gostei muito da página 46 e 47 que fala sobre o Egito de hoje.
 É muito bom aprender sobre o Egito porque tem muita história por trás do Egito.
 Eu descobri lendo o livro, que os gatos eram sagrados lá no Egito.
 Muito obrigada pelo livro que você nos deu.
 Eu gostei muito do livro, obrigada.
 Eu gosto muito do Egito e das pirâmides.
 Te amo da 4ª ano e te agradeço a você professora Liz.

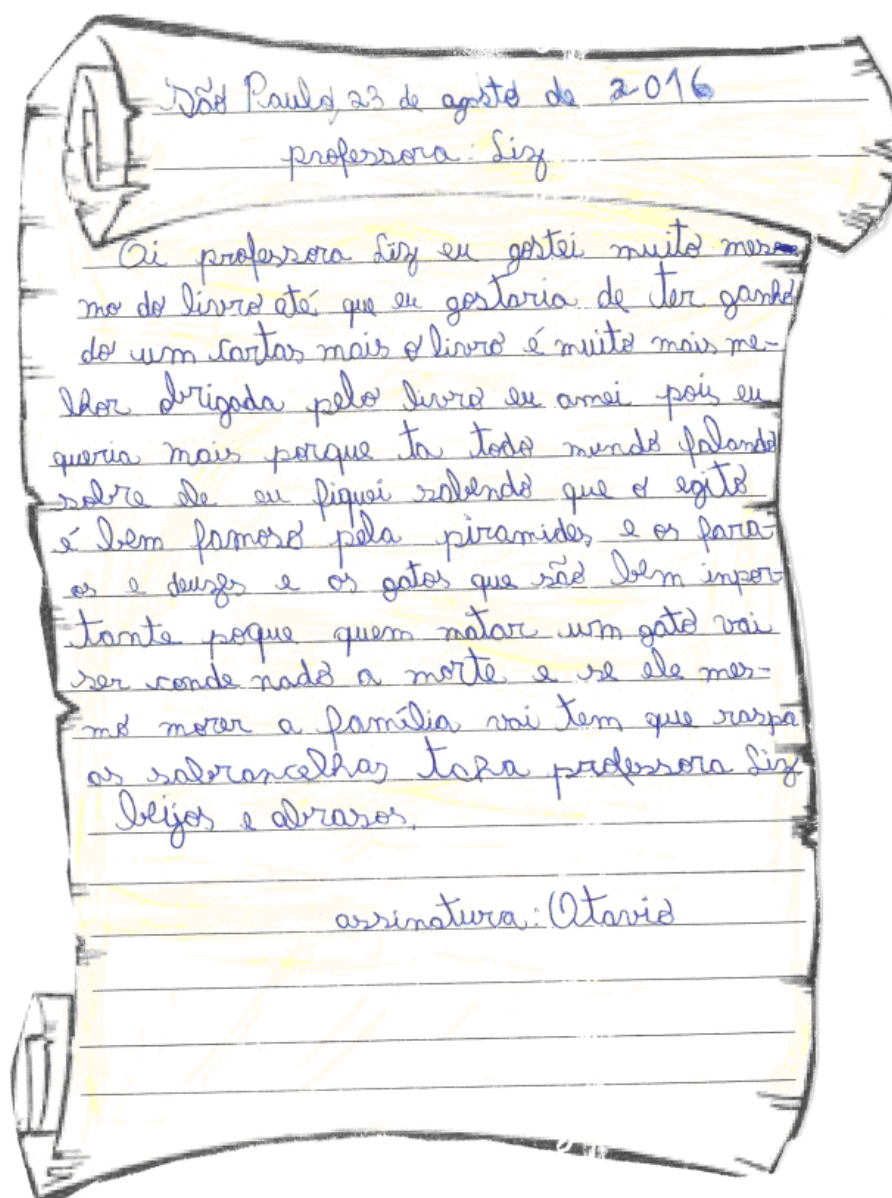
Tchau professora, um abraço e até mais.

Ano: Lucas Carmelutti Dalém Rozati

As cartas foram escritas em papéis imitando papiros, que eles tinham conhecido no livro. A Profa. Lis foi convidada para ir até a sala e as cartas foram entregues.

Trabalhar sobre o Egito não estava no planejamento do 4º ano; a curiosidade e interesse partiu dos alunos e foi um assunto que realmente foi aprendido e estudado com muito sucesso. O gosto pela História foi despertado.

Sob essa mesma ótica, Ferro (1983) considera que a história que é ensinada à criança é marcante durante toda sua trajetória enquanto sujeito histórico. O conhecimento histórico que é construído durante a infância será essencial para descobrir, indagar, questionar e refletir sobre sua vida enquanto sujeito da história e conseqüentemente selar uma relação de curiosidade, prazer e envolvimento com o saber histórico. (BARREIRO, DA SILVA, 2014, p.4)



Conclusão

Essa dinâmica que num primeiro momento pode parecer confusa ao leitor, funciona muito bem. Engana-se quem pensa que essa aparente desordem prejudica o andamento das atividades pedagógicas. Essa “anarquia espacial” oferece ricas possibilidades a serem exploradas e não demandam grandes malabarismos teóricos ou projetos complexos. A simplicidade vem da sensibilidade da escuta do olhar sensível do profissional que não hesita em modificar seu planejamento para atender àquilo que a própria criança demonstra querer conhecer.

E foi isso que aconteceu quando a prática de um professor de estimular os alunos a produzirem cartazes e depois exibi-los a outros colando-os na parede da sala de aula despertou a atenção dos alunos da Mara que passaram a questioná-la sobre o que seriam aqueles personagens, que, sem pedir licença, passaram a invadir a sala deles: múmias, deuses egípcios e Cleópatras, tão lindas e misteriosas.

Experiências como esta são possíveis, desde que no contexto escolar haja abertura e disponibilidade para o outro e que estejam presentes a busca pelo conhecimento, o respeito pelo trabalho, a curiosidade, o lúdico e a alegria. A construção de ambiente escolar que promova não apenas o ensino de História ou das outras disciplinas mas que possibilite que seres humanos em desenvolvimento explorem potenciais criativos que só são possíveis em ambientes alegres e que a cooperação e a solidariedade sejam a matriz curricular.

Bibliografia

BARREIRO, Alex; DA SILVA, Elvis Roberto Lima. A criança e a construção do conhecimento histórico. Fóruns Contemporâneos de Ensino de História no Brasil online, n. 1, 2014.

BRITES, Olga. A criança e a história que lhe é ensinada. Revista Brasileira de História. vol. 5, nº 10, março a agosto. São Paulo. ANPUH/ Marco Zero, 1985.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. 2011. A progressão do conhecimento histórico na escola. In: FONSECA, Selva Guimarães & GATTI J, JÚNIOR, Décio (Org.). Perspectivas do Ensino de História: ensino, cidadania e consciência histórica. Uberlândia: Edufu.

SIMAN. Lana Mara de Castro. Crianças e professora como leitoras: criação de sentidos e subversões à ordem de textos históricos escolares. In FONSECA; JÚNIOR (Org.) Perspectivas do Ensino de História: ensino, cidadania e consciência histórica. Uberlândia: Edufu

SILVA, Elvis Roberto Lima. Intelectual sim, professorinha não! O saber histórico escolar do ensino fundamental I na cidade de São Paulo (2007-2013). 2014. Dissertação de Mestrado, São Paulo: EHPS PUC-SP

Recebido para publicação em 01-09-16; aceito em 30-09-16